

A anáfora sem antecedente explícito em cartas pessoais

Suzana Cortez*

Resumo:

Este trabalho investiga a ocorrência da anáfora sem antecedente explícito em cartas pessoais a fim de comprovar a proximidade desse gênero textual com a conversa espontânea. Pretende-se não só romper a visão dicotômica entre fala e escrita a partir de um aspecto da estrutura superficial do texto, mas também constatar a ampliação do conceito de anáfora. A teoria desenvolvida neste trabalho está baseada nos trabalhos de Apothéloz e Mondada (1995) que defendem a ocorrência da anáfora sem antecedente explícito, contrariando o que propõe a noção de anáfora em geral, conceituada apenas em torno da explicitude.

Os estudos sobre anaforização, até meados da década de 80, tratavam-na como simples retomada de elementos a nível estritamente lingüístico, reservando à anáfora uma função de mero substituidor lingüístico, em concordância sintática ao antecedente explícito na cotextualidade.

No entanto, múltiplos pontos de dissensão sobre o estudo da anáfora conduziram a uma mudança metodológica e teórica do fenômeno a partir da década de noventa. Por meio desta mudança, pôde-se falar em anáfora associativa a qual não estabelece uma relação direta ou textual com o seu antecedente; e, ao invés disso, a relação se funda contextualmente por meio de fatores não apenas lingüísticos, mas sobretudo cognitivos e pragmáticos.

Dessa maneira, a anáfora, tal como entendida aqui, não se limita ao conceito tradicional, em que a relação anafórica sempre acontece na superfície textual, ou melhor, como simples retomada de um referente explícito na cotextualidade, representada particularmente pelo pronome "ele". Vejamos o exemplo (1), um dos mais típicos exemplo de anáfora¹ :

(1)

E003 "Julio para mim é um sentimento muito forte. Não acredito que *e/e* goste de mim, *e/e* pode até gostar, mas um dia vai ter que dizer isso pra mim (...) Jú, me faz um favorzinho: descobre o endereço de Julio pra mim, pra eu mandar um cartão de crédito pra *e/e*! Mas não diz que é pra mim, diz que é pra você."

* Este trabalho, que recebeu o Prêmio Jovem Cientista no VI CONIC-1998, é parte integrante do Projeto Integrado "Relação Fala e Escrita: Características e Usos II", financiado pelo CNPq, projeto n° 52312-96-6, desenvolvendo-se no NELFE - Núcleo de estudos lingüísticos sobre a fala e a escrita, na UFPE, sob a coordenação e orientação do Prof.: Luiz Antônio Marcuschi, no qual estou engajada como bolsista de Iniciação Científica.

¹ A citação dos textos segue o sistema do NELFE de onde procede o corpus, sendo a sigla E indicador dos textos da escrita.

A relação anafórica a qual nos dedicamos neste estudo volta-se para o pronome de terceira pessoa, contudo não no sentido, nem na perspectiva, tal como em (1), que implica numa simples retomada do referente cotextualmente expresso, ou seja, presente na materialidade verbal; mas de um tipo de relação anafórica em que o referente é identificado pelas pistas co(n)textuais, bem como pelo conhecimento de mundo e pelo conhecimento partilhado entre os interlocutores. É a chamada *anáfora cognitiva, profunda, associativa* ou no dizer de *Apothéloz* (1995): *anáfora atípica*. Em se tratando de *cartas pessoais - corpus* analisado neste trabalho - o conhecimento partilhado revela-se em alto grau, o que permite ao remetente sentir-se à vontade para não explicitar o referente, ao partilhar de uma atividade cognitiva comum com o destinatário. Vejamos o exemplo (2):

(2)

E342

"A aula de geografia eu entendo muito. Mas *eles* estão dando vegetação, ou seja, a Amazônia está incluída, e eu não gosto do jeito que a galera fala do Brasil, eu odeio! Amanhã eu começo a treinar vôlei, a treinadora disse que eu vou ter que esquentar banco porque *elas* já têm um time completo. Mas eu tenho certeza que vou sair rapidinho do banco, eu posso fazer melhor que *elas*."

Analisando mais detidamente este exemplo podemos dizer que:

"...*eles* estão dando vegetação,...→ podem ser os professores, a escola enquanto conjunto. Isto se esclarece no co(n)texto da aula de geografia.

"... *elas* já tem um time completo...→ as jogadoras de vôlei e a treinadora. São identificadas no co(n)texto do time.

"...posso fazer melhor que *elas*.→ as jogadoras de vôlei

Neste exemplo, encontramos um "pronome livre", que não se apóia nas formas lingüísticas de superfície, como no exemplo (1). O pronome é associado ao nome pela memória discursiva que transpõe os limites cotextuais e identifica o referente. Trata-se, no dizer de Reichler-Béguelin (1995) de uma abordagem cognitivo-memorial em contrapartida ao modelo substitutivo tradicional, como em (1), e ainda: "Esse tipo de referenciação pressupõe que o objeto-do-discurso designado esteja incluso nas representações partilhadas pelos interlocutores". Dessa forma, o referente já está tão bem organizado na mente do remetente, que ele pressupõe ser possível ao destinatário identificá-lo e, portanto, não o explicita. Nas cartas pessoais analisadas, mesmo na condição de intruso investigador, foi possível identificar o referente, o que permite concluir que o remetente não tem a intenção de ocultá-lo.

É interessante notar que, nos casos encontrados, a referenciação se fez a pessoas em coletividade, o que significa dizer que o pronome selecionou um grupo, e não um indivíduo em particular, o que é mais comum na fala. Neste caso, o remetente

não necessita nomear indivíduos em particular, pois estes encontram-se difusos na coletividade. O mesmo acontece com os próximos exemplos, os quais chamamos atenção para a incongruência morfo-sintática entre o pronome e o referente.

(3)

E139

“Mudando um pouco de assunto, a nossa mudança chegou na terça-feira às 10 horas da noite, (um absurdo né?! Só que agora há uma lei assim: *caminhão* que não contenha produtos perecíveis, só pode descarregar depois de uma certa hora. Se *ele* chegar cedo, lá pelas 3 ou 4 horas da tarde, o nosso caso, *eles* ficam retidos na marginal até às nove, nove e meia da noite.”

No exemplo (3), observamos que a referência ainda se faz ao “caminhão”, entretanto, este “caminhão” inicialmente expresso e depois retomado por “ele”, representa um conjunto e não um caminhão em particular. De fato, há uma incongruência morfo-sintática, mas que se resolve na contextualidade, como foi imediatamente esclarecido nesta situação. Outro dado observado neste exemplo diz respeito ao pronome “eles”, o qual não designou pessoas mas um objeto “os caminhões”, o que é menos comum, pois na maioria das ocorrências deste tipo de anáfora, seja na fala, seja na escrita, o pronome designa pessoas. Da mesma forma, podemos observar os exemplos (4) e (5):

(4) E349

“Por falar em ficar, eu já escrevi para umas 20 *faculdades* americanas pedindo bolsas *elas* me mandaram o APPLICATION (ñ sei se escrevi certo) agora é fazer o “ TOEFL “(você deve saber sobre esse teste, né?!) e torcer para que *eles* me aceitem.”

(5) E134

“Aqui eu só tenho a mãe mas, ela é gente boa e me ajuda bastante. O colégio é bem diferente do que a gente está acostumada aí. O *povo* aqui é meio frio mas, se você procurar conversar com *eles*, *eles* lhe ajudam.”

No exemplo (4), o “eles” podia ser perfeitamente substituído por “elas” que expressa as faculdades. No entanto, houve uma ampliação referencial, pois o “eles” não designa apenas as faculdades enquanto instituições, mas também as pessoas envolvidas na situação as quais podem resolver o problema da bolsa. Em (5), o “eles” designa as pessoas do “povo”, mas não concorda sintaticamente com “povo”, porque a concordância é meramente semântica com as pessoas que o representam. Segundo Apothéloz (1995), este tipo de relação é considerada pelos gramáticos erro ou referência mal formada devido à incongruência morfo-sintática.

Com base nos exemplos analisados, faz-se possível uma reflexão sobre a identidade pronominal no que diz respeito a sua condição enquanto pronome.

Tradicionalmente, sabemos que o pronome substitui o nome, e de fato isto acontece. Poderíamos então afirmar que o pronome assume a identidade nominal de tal forma que o nome não necessite ser expresso cotextualmente? Não. O pronome não deixa de ser pronome, mas ocorre uma diferença no modo de identificação do referente. Nos exemplos, a identificação se dá contextualmente a partir de informações de origem situacional e cognitivo-memorial. Assim, o modelo tradicional não resolve nem explica este caso, pois como vimos o pronome “eles” não se apóia nas formas lingüísticas de superfície, porque busca o sentido na memória discursiva, operando numa atividade cognitiva.

Para análise dos dados desse trabalho, seguimos o *Quadro geral das relações anafóricas da progressão referencial*, desenvolvido por Marcuschi (1998), onde encontramos sete estratégias de identificação da anáfora, com base na relação desenvolvida entre esta e o seu referente, como mostra o quadro abaixo (grifo nosso):

QUADRO GERAL DAS RELAÇÕES ANAFÓRICAS DA
PROGRESSÃO REFERENCIAL

Relação Anafórica	Esquema
{1} Retomada explícita de antecedente por repetição de item ou construção lingüística com estabilidade, continuidade referencial	{1}+ correferência - recategorização + co-significação
{2} Retomada explícita do antecedente por pronome com estabilidade/continuidade referencial	{2}+ correferência - recategorização - co-significação
{3} Retomada implícita de antecedente por sinonímia, paráfrase, associação, metonímia com estabilidade/continuidade referencial	{3}+ correferência + recategorização - co-significação
{4} Com remissão e retomada implícita de antecedente não pontualizado e com reorientação referencial realizada por dêiticos textuais	{4} - correferência + recategorização - co-significação
{5} Com remissão e retomada implícita de antecedente e reorientação referencial por nominalização/verbo ou hipo/hiperonímia	{5} - correferência + recategorização - co-significação
{6} Com remissão sem retomada de antecedente e reorientação referencial por rotulações metalingüísticas ou de força ilocutória	{6} - correferência (?) recategorização (?) co-significação
{7} Sem remissão e sem retomada de antecedente, com construção referencial induzida por pronome/nome e construção nominal	{7} (?) correferência (?) recategorização (?) co-significação

Uma análise quantitativa dessas 7 estratégias em 30 cartas pessoais (*corpus* analisado) levou à constatação de que embora a relação aqui estudada (estratégia (7)) tenha sido quantitativamente baixa, isto é 7% , é qualitativamente relevante, considerando-se que esta estratégia era tida como encontrável unicamente na fala, mesmo não sendo tão comum como a retomada pronominal explícita (estratégia (2)) e a repetição do termo (estratégia (1)), que estão em maior ocorrência, conforme expressa o quadro a seguir.

ORDEM QUANTITATIVA DA RELAÇÃO ANAFÓRICA
EM CARTAS PESSOAIS

ESTRATÉGIAS	OCORRÊNCIAS
2	183 - 34%
1	171 - 32%
3	91 - 17%
7	37 - 7%
4	31 - 6%
6	15 - 3%
5	11 - 2%

Esta breve exposição nos permite concluir que este tipo de relação anafórica não é exclusivo da fala; ao mesmo tempo sugerimos a ampliação do conceito de anáfora, visto que a relação anafórica não se apóia apenas nas formas lingüísticas pronominais nem necessita de uma relação cotextual direta, mas opera cognitivamente em termos de configuração memorial. Com isto, constatamos, por meio de uma só estratégia de identificação da relação anafórica - *a anáfora pronominal sem antecedente explícito* - a proximidade entre conversa espontânea e carta pessoal - escrita informal dialogada - rompendo a visão polarizada entre fala e escrita. Reforça-se, assim, a teoria da relação entre fala e escrita como melhor caracterizada no contínuo tipológico dos gêneros textuais.

Referências Bibliográficas

- APOTHÉLOZ, Denis. (1995). Nominalisations, référents clandestines et anaphores atypiques. *TRANEL* 23:143-173.
- APOTHÉLOZ, Denis e REICHLER-BÉGUÉLIN, M-J. 1995. "Déterminant zero et anaphore". *TRANEL* 23:177-201.
- BERRENDONER, A e REICHLER-BÉGUÉLIN, M-J (eds). (1995). *Du syntagme nominal*

- aux objets-de discours. SN complexes, nominalisations, anaphores.* TRANEL 23.
- KOCH, Ingedore G. Villaça e MARCUSCHI, L. A. (1997). Processos de referenciação na produção discursiva. *DELTA*, 14(número especial): 169–190.
- MARCUSCHI, L. A. (1998). Aspectos da progressão referencial na fala e na escrita no português brasileiro. Recife, UFPE. (mimeo).